

# O QUE OS OLHOS VEEM, AS ASAS SENTEM

Cassiana Lopes Stephan<sup>1</sup>

Eu sempre quis saber como seria sentir o bater das asas daqueles que transitam entre as nuvens e que se abrigam nos galhos das árvores que tocam o céu: o percurso dos olhares captados no ínterim dos movimentos fotográficos de Tamara M. Blazquez Haik nos conduz à percepção da liberdade que motiva o voo das aves que constituem, a partir das suas coloridas peculiaridades, este mundo. A sutileza de Tamara nos permite vivenciar a perspectiva das aves que percorrem a imensidão do céu e das aves que delicadamente se mesclam às folhas e flores. Sem dúvida, a harmonia fotográfica desta câmera animalista nos remete ao surrealismo de *A Ilha do Tesouro* de René Magritte.<sup>2</sup> Com efeito, Tamara nos oferece a oportunidade de adentrar nesta floresta e de descobrir os tesouros reais que ali se manifestam. Para que este trajeto selvagem se inicie, precisamos nos desprender de nossa roupagem humana, demasiado humana, pois somente assim seremos capazes de perceber mais do que uma anatomia natural, isto é, somente assim conseguiremos estabelecer uma comunicação entre nós, os estrangeiros, e eles, os habitantes. Através da visão rasante de Tamara, deparamo-nos com a imanência ativa das aves que poderíamos ser: Fernão Capelo Gaivota<sup>3</sup> e os mistérios de uma liberdade performada por aqueles que reivindicam a múltipla cidadania, ou seja, o direito de devir-animal e de desfrutar de toda a pluralidade que esta ilha pode oferecer à vida no mundo. O que os nossos olhos veem, as nossas asas sentem. Isso significa que após este trajeto simultaneamente fabuloso e histórico não seremos mais os mesmos. A ficção que Tamara nos faz presenciar incita a real transformação de nossos braços em asas corajosas que enfrentam tanto os ventos do sul quanto os ventos do norte e que se deslocam entre outonos e verões para além do tempo mumificado e para além do espaço planificado por uma vida insolente, a qual permanece eternamente reduzida às redundâncias do humanismo de uma humanidade antropocêntrica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (bolsista CAPES).

Email: cassianastephan@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> MAGRITTE, R. *L'Île au Trésor*, 1942, 42,5 x 60,5 cm – Musée René Magritte, Belgique.

<sup>3</sup> BACH, Richard. *A História de Fernão Capelo Gaivota*. Tradução de Antônio Ramos Rosa e Madalena Rosález. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.

# LO QUE LOS OJOS VEN, LAS ALAS LO SIENTEN

Cassiana Lopes Stephan<sup>4</sup>

Siempre quise saber cómo sería sentir el aleteo de aquellos que transitan entre las nubes y que se refugian en las ramas de los árboles que tocan el cielo: la fotografía de Tamara M. Blazquez Haik nos conduce a la percepción de la libertad que motiva el vuelo de las aves que constituyen, a partir de sus coloridas peculiaridades, este mundo. La sutileza de Tamara nos permite experimentar la perspectiva de las aves que recorren la inmensidad del cielo y de las aves que delicadamente se mezclan entre las hojas y flores. Sin duda, la armonía fotográfica de esta cámara animalista nos remite al surrealismo de *La Isla del Tesoro* de René Magritte<sup>5</sup>. En efecto, Tamara nos ofrece la oportunidad de adentrarnos en este bosque y de descubrir los tesoros reales que allí se manifiestan. Para que este trayecto salvaje se inicie, necesitamos desprendernos de nuestro ropaje humano, demasiado humano, pues sólo así seremos capaces de percibir más que una anatomía natural, es decir, sólo así conseguiremos establecer una comunicación entre nosotros, los extranjeros, y ellos los habitantes. A través de la visión rasante de Tamara, nos encontramos con la inmanencia altiva de las aves que podríamos ser: Juan Salvador Gaviota<sup>6</sup> y los misterios de una libertad ejecutada por aquellos que reivindican la múltiple ciudadanía, o sea, el derecho de devenir animal y de disfrutar de toda la pluralidad que esta isla puede ofrecer a la vida en el mundo. Lo que nuestros ojos ven, nuestras alas lo sienten. Esto significa que después de este trayecto al mismo tiempo fabuloso e histórico no seremos más los mismos. La ficción que Tamara nos hace presenciar incita la verdadera transformación de nuestros brazos en alas valientes que enfrentan tanto los vientos del sur como los vientos del norte, que se desplazan entre otoños y veranos más allá del tiempo estanco, y más allá del espacio planificado por una vida insolente que permanece eternamente reducida a las redundancias del humanismo de una humanidad antropocéntrica.

---

<sup>4</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (bolsista CAPES).

Email: cassianastephan@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> MAGRITTE, R. *L'Île au Trésor*, 1942, 42,5 x 60,5 cm – Musée René Magritte, Belgique.

<sup>6</sup> BACH, Richard. *A História Fernão Capelo Gaivota*. Tradução de Antônio Ramos Rosa e Madalena Rosález. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975. [BACH, Richard. *Juan Salvador Gaivota*]